



Vol. 32, nº 1 (2026)

## ESCOLA E COMUNIDADE EM MATA CAVALO: LAÇOS DE SABERES E RESISTÊNCIA CULTURAL

\*\*\*

## SCHOOL AND COMMUNITY IN MATA CAVALO: BONDS OF KNOWLEDGE AND CULTURAL RESISTANCE

Nághila Cristina Amada da Silva<sup>1</sup>  
Agnaldo Rodrigues da Silva<sup>2</sup>

**Recebimento do Texto:** 20/11/2025

**Data de Aceite:** 08/12/2025

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo abordar o papel da escola quilombola da Comunidade Mata Cavalo, situada em Nossa Senhora do Livramento, Mato Grosso, como espaço de preservação cultural, resistência e construção identitária. A pesquisa, recorte de uma tese em andamento, de caráter qualitativo e bibliográfico, baseou-se na observação das práticas escolares e comunitárias desenvolvidas no território. Nesse contexto, a escola se constitui como espaço de memória e valorização dos saberes tradicionais, articulando-se às lutas históricas por educação e reconhecimento. Como aporte teórico, dialoga com as contribuições de Paulo Freire (2016), Nilma Lino Gomes (2017) e Kabengele Munanga (2009), no que se refere à educação, à identidade e à valorização dos saberes afro-brasileiros.

**Palavras-chave:** Ancestralidade. Identidade. Memória. Território.

**Abstract:** This study aims to address the role of the quilombola school in the Mata Cavalo Community, located in Nossa Senhora do Livramento, Mato Grosso, as a space for cultural preservation, resistance, and identity construction. The research, which is part of an ongoing doctoral thesis, is qualitative and bibliographic in nature and was based on the observation of school and community practices developed within the territory. In this context, the school has been constituted as a space of memory and appreciation of traditional knowledge, articulating with historical struggles for education and recognition. As a theoretical framework, it draws on the contributions of Paulo Freire (2016), Nilma Lino Gomes (2017), and Kabengele Munanga (2009), particularly regarding education, identity, and the valorization of Afro-Brazilian knowledge.

**Keywords:** Ancestry. Identity. Memory. Territory.

### 1 Lideranças e legados na formação escolar de Mata Cavalo

A compreensão da educação quilombola como prática de resistência e afirmação identitária exige situá-la no campo das epistemologias contra-hegemônicas, nas quais o conhecimento não se limita à produção acadêmica formal, mas emerge das experiências

---

<sup>1</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGEL), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Tangará da Serra-MT. E-mail: naghila.silva@unemat.br

<sup>2</sup> Doutor em Letras. Docente do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGEL/UNEMAT). E-mail: agnaldosilva20@unemat.br



históricas e culturais dos sujeitos. Nesse sentido, conforme Gomes (2017), a educação das relações étnico-raciais deve reconhecer os saberes produzidos pelas populações negras como centrais para a construção de uma sociedade mais justa. Tal perspectiva dialoga com Munanga (2009), ao evidenciar que a valorização da cultura afro-brasileira constitui um movimento de enfrentamento ao racismo estrutural, ao mesmo tempo em que reafirma identidades historicamente silenciadas.

A educação na comunidade de Mata Cavalo conta com duas instituições de ensino: a Creche Municipal “Antônio Benedito da Conceição” e a Escola Estadual Professora “Tereza Conceição Arruda” (EQTCA). A presença dessas escolas representa uma conquista histórica e simbólica, resultado da luta e da resistência de lideranças locais que, mesmo diante de inúmeras adversidades, compreenderam o valor da escolarização como instrumento de transformação social e fortalecimento da identidade quilombola.

Um dos nomes mais emblemáticos desse processo é o de Antônio Mulato, figura central nos primeiros movimentos em prol da educação formal na região. Sua atuação foi decisiva para que a comunidade passasse a enxergar a escola não apenas como um espaço de ensino, mas também como um local de emancipação, memória e pertencimento.

Nessa mesma senda, é imprescindível destacar o papel de sua filha, Tereza Conceição Arruda, cuja trajetória se entrelaça com a própria história da educação quilombola em Mata Cavalo. Mulher forte, determinada e à frente de seu tempo, Tereza deu continuidade à luta de seu pai pela efetivação do ensino formal na comunidade. Na segunda sala de aula implantada no território, foi ela quem assumiu a função de docente, atuando até o ano de 1980, quando passou a lecionar na sede municipal de Nossa Senhora do Livramento. Sua dedicação marcou gerações e solidificou os primeiros passos para uma educação de base comunitária e libertadora.

Segundo o relato de sua filha, Ana Maria de Arruda (2025), Tereza iniciou sua formação em tempos de grandes dificuldades, participando do programa Mobral, um dos poucos acessos à educação de jovens e adultos existentes à época. Sua trajetória representa o avanço da escolarização em Mata Cavalo, bem como a força simbólica das mulheres quilombolas que, por meio da educação, transformaram o direito de aprender em ato de resistência.



Além disso, a atuação dessas lideranças pode ser compreendida não apenas como iniciativa individual, mas também como expressão de uma ética comunitária, na qual o compromisso com a dimensão comunitária orienta as ações. Nesse âmbito, as lideranças quilombolas se constituem como mediadoras entre tradição e transformação, articulando demandas locais com processos mais amplos de luta por direitos. Tal dinâmica evidencia que, em contextos historicamente marcados pela exclusão, liderar é também educar, mobilizar e preservar a memória coletiva.

Em suma, mesmo após o falecimento de Antônio Mulato e Tereza, o legado da luta por educação, dignidade e permanência no território segue vivo nas ações das novas lideranças comunitárias. Jovens, mulheres, professores e moradores vêm assumindo com firmeza a continuidade desse projeto coletivo, defendem a titulação do território, ampliam o acesso a políticas públicas e garantem que a educação continue sendo um instrumento de emancipação e consciência plena.

## **2 A escola como território de afirmação identitária**

Pensar a escola quilombola como território de afirmação identitária implica compreendê-la para além de sua função institucional. Trata-se de um espaço simbólico e político em que se entrecruzam memória, cultura e pertencimento, configurando-se como lugar de produção de sentidos e de resistência. Nesse contexto, a educação assume um papel estratégico na construção de identidades coletivas, sobretudo em territórios historicamente marcados por processos de invisibilização.

As condições iniciais da educação em Mata Cavalo revelam a precariedade estrutural enfrentada pela comunidade. As primeiras experiências escolares ocorreram em espaços improvisados, com estruturas rudimentares, o que evidencia que o acesso à educação foi historicamente construído em meio à escassez de recursos e à ausência do Estado. Ainda assim, essas experiências foram fundamentais para consolidar a escola como espaço de resistência e de construção coletiva.

Desse modo, a história da comunidade e do espaço escolar quilombola de Mata Cavalo é marcada por um processo contínuo de resistência, no qual a memória coletiva, os saberes tradicionais e as práticas educativas sustentam a vida comunitária e fortalecem o



sentimento de pertencimento. No complexo de Mata Cavalo, a escola não é apenas um espaço de ensino, mas também um lugar de preservação cultural, de construção identitária e de afirmação da história do povo quilombola.

Nesse contexto, ambas as escolas se inserem não como um elemento externo, mas como parte viva dessa história. A educação quilombola, para além de uma modalidade de ensino, é um movimento político e cultural de resistência que reconhece as particularidades de cada território e valoriza as práticas ancestrais como princípios que orientam o trabalho pedagógico. Desse modo, em Mata Cavalo, o espaço escolar e o espaço comunitário se entrelaçam de modo simbiótico: a escola aprende com a comunidade, e a comunidade se reconhece na escola, estabelecendo uma relação de complementaridade e interdependência.

Com base nesse propósito, no cotidiano escolar prevalece uma prática educativa construída na vivência e na partilha de experiências. As crianças e os jovens chegam à escola carregando valores e narrativas que escutam em casa, nos terreiros, nas festas e nas rodas de conversa. Esses saberes, vindos da convivência comunitária, são incorporados às atividades pedagógicas, dando forma e significado a um currículo vivo, situado e cheio de sentido. Ao mesmo tempo, a escola contribui para registrar e sistematizar as tradições locais, transformando-as em instrumentos de aprendizagem e de valorização cultural.

Essa troca constante entre o saber comunitário e o saber escolar garante a continuidade da memória coletiva e reafirma o vínculo entre educação e identidade. Como expressão desse respeito às tradições, crianças e jovens mantêm o hábito de pedir bênção aos professores; um gesto simbólico que reafirma laços de afeto, respeito e pertencimento, unindo passado e presente no cotidiano escolar.

Nesse sentido, a presença da comunidade no cotidiano da escola é um dos pilares dessa relação. Os chamados “mestres do saber” são frequentemente convidados a participar de oficinas, palestras e momentos de partilha, para repassar aquilo que aprenderam com seus antepassados: ensinar o cultivo da horta, o artesanato com fibra de bananeira, o preparo de chás ou mesmo para contar histórias e memórias da comunidade. Tais experiências ampliam o repertório cultural das crianças e dos jovens, ao mesmo tempo em que aproximam a escola das práticas sociais que compõem o modo de vida quilombola. Assim, a sabedoria popular, quando valorizada no espaço escolar, rompe com a ideia de que o conhecimento válido é apenas aquele produzido pela cultura letrada.



Nessa perspectiva, a escola deixa de ser reprodutora de modelos eurocêntricos e passa a atuar como espaço de valorização dos saberes locais. É importante salientar que a escola é um recinto onde tudo acontece: eventos culturais e pedagógicos, reuniões comunitárias, celebrações religiosas e projetos coletivos que envolvem diferentes gerações.

Desse modo, “conceber escrita e vivência, escrita e existência, é amalgamar vida e arte, Escrevivência” (Evaristo, 2020, p. 31). Ou seja, a escola se torna o espaço em que essa escrevivência coletiva acontece, por meio das narrativas, das práticas pedagógicas e da elaboração do Projeto Político Pedagógico (PPP), o qual reflete o modo como a comunidade se reconhece e se afirma.

Nessa direção, um dos principais movimentos empreendidos pelos moradores tem sido a mobilização coletiva para garantir a participação efetiva da comunidade na construção do PPP. Esse processo fortalece a valorização das experiências locais, dos saberes transmitidos pelos mais velhos, do conhecimento ligado à terra e às práticas de trabalho, além da ancestralidade que constitui a base da memória coletiva, evidenciado pelo Parecer CNE/CEB nº 16/2012, (Brasil, 2012, p. 49). O PPP, nesse contexto, deixa de ser um documento meramente institucional e passa a representar os sonhos, os desafios, a história e o futuro da própria comunidade escolar.

A construção do PPP a partir da vivência concreta da comunidade, considerando seus problemas cotidianos e saberes historicamente silenciados, tem se configurado como um movimento de ruptura com as pedagogias hegemônicas. Como destaca Paulo Freire (2016), é pela conscientização e pela prática transformadora que os sujeitos historicamente oprimidos se tornam agentes de sua própria libertação. Assim, os matacavalenses, ao reivindicarem sua voz no espaço escolar, contribuem para uma educação que emancipa e ressignifica os modos de aprender e ensinar.

Nesse sentido, ressoa também a perspectiva de Conceição Evaristo (2020), ao afirmar que os saberes da comunidade, forjados nas experiências de vida e na oralidade, devem ser reconhecidos como produções legítimas de conhecimento, pois a escrevivência não nasce para se calar, mas para ecoar histórias que foram silenciadas, ou seja, “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (Evaristo, 2020, p. 30). Portanto, a articulação entre saberes tradicionais e práticas escolares tem



possibilitado a construção de um projeto educativo que se opõe às pedagogias da dominação e reafirma a potência de uma educação enraizada nos valores e na cultura quilombola.

A luta histórica da comunidade quilombola de Mata Cavalo pelo direito à educação tem se materializado em importantes conquistas ao longo das últimas décadas. As duas instituições escolares simbolizam essa trajetória de resistência, memória e avanço social: a Escola Estadual Professora “Tereza Conceição Arruda” e, mais recentemente, a Creche Municipal “Antônio Benedito da Conceição”, inaugurada em 24 de maio de 2024.

A Creche Municipal “Antônio Mulato da Conceição” se consolida como um espaço de iniciação à identidade quilombola, em que a infância é vivida em contato com a ancestralidade e o pertencimento. As práticas descritas pela diretora Lucilene de Pinho Ferreira (2025) revelam uma pedagogia que alia afeto, cultura e território; reafirmando que, em Mata Cavalo, educar é também recontar a própria história e garantir sua continuidade nas novas gerações.

Nessa senda, o ambiente escolar se constitui como símbolo da luta por uma educação antirracista e territorializada, resultado direto dos esforços de Antônio Mulato, liderança histórica do quilombo, que, ainda na década de 1940, articulou a criação da primeira sala de aula na comunidade. Com a construção da nova sede em 2012, financiada com recursos do Governo Federal, a escola passou a atender mais de 400 estudantes e tornou-se referência no estado de Mato Grosso como espaço de resistência e fortalecimento da identidade quilombola. Nas palavras de Santana (2019, p. 102):

a Escola Estadual Professora Tereza Conceição Arruda passou a ser caracterizada pela Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso – Seduc/MT como Unidade de Ensino de Educação Escolar Quilombola, no ano de 2011, quando ainda recebia o nome de Escola Estadual Rosa Domingas de Jesus, que funcionou na sede da Associação da Comunidade da Mutuca até junho de 2012. Após a inauguração da nova sede na comunidade Mata-Cavalo de Baixo, inaugurada em 12 de julho de 2012, pelo Governo do Estado de Mato Grosso e oficializada a partir de outubro do mesmo ano, por meio do Decreto n.º 1387/12, a escola passa a denominar Professora Tereza Conceição Arruda, em homenagem à professora Tereza, uma das precursoras da educação na comunidade.

Dessa forma, o reconhecimento da EQTCA como Unidade de Ensino Quilombola pela Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (Seduc-MT), em 2011, representa não apenas um avanço institucional, mas também um ato de reparação histórica e valorização dos saberes locais. O nome de Tereza Conceição Arruda carrega uma força simbólica



significativa, uma vez que enaltece uma educadora da própria comunidade, pioneira sucessora do pai “Antonio Mulato” na luta pelo direito à educação no quilombo.

O ato de reconhecimento reafirma o papel central das lideranças locais na construção de um projeto pedagógico enraizado no território, na memória e na ancestralidade. Tal mudança não é apenas formal, mas também expressa o reconhecimento da trajetória de resistência e da organização comunitária na defesa da educação como um direito coletivo e identitário. Nesse ínterim, a valorização da cultura, da memória e da identidade está presente em todos os cantos da escola; desde as paredes pintadas manualmente, com frases de combate ao racismo e de valorização da cultura negra, até os desenhos que representam pessoas de referência na luta desse quilombo. De acordo com Ribeiro (2019, p. 27):

um ensino que valoriza as várias existências e que referencie positivamente a população negra é benéfico para toda a sociedade, pois conhecer histórias africanas promove outra construção da subjetividade de pessoas negras, além de romper com a visão hierarquizada que pessoas brancas têm da cultura negra, saindo do solipsismo branco, isto é, deixar de apenas ver humanidade entre seus iguais. Mais ainda, são ações que diminuem as desigualdades.

As palavras da autora dialogam diretamente com o que se vê no cotidiano escolar de Mata Cavalo. Quando o ambiente da escola passa a refletir, nas cores, nos murais e nas palavras, a história e a ancestralidade da comunidade, ele contribui para a construção de uma autoimagem positiva nas crianças e nos jovens negros. Assim, trata-se de um processo educativo que rompe com o silenciamento histórico e fortalece o reconhecimento das identidades quilombolas, além de promover o respeito, a consciência e a equidade desde a infância.

As imagens registradas nas paredes da escola, conforme demonstra a Figura 1, reforçam esse papel simbólico: representações de figuras negras que remetem ao orgulho e à resistência; símbolos da cultura africana e quilombola, como pessoas pretas, símbolos e referências à natureza; cores vibrantes que evocam vitalidade, vida e pertencimento comunitário. Assim, a estética das paredes é decorativa e pedagógica. Ela atua como recurso de educação visual e identitária, reafirmando diariamente a importância da história negra e quilombola na formação das crianças.



Vol. 32, nº 1 (2026)

**Figura 1** - Imagens da parede da escola



Fonte: Acervo particular da autora (2025)

Importante se faz ressaltar o papel crucial da escola para o fortalecimento da identidade e do pertencimento. Ao reconhecer a história da comunidade e ao valorizar as tradições quilombolas, o espaço escolar contribui para que crianças e jovens se percebam como sujeitos históricos, protagonistas da continuidade de sua cultura. Essa dimensão dialoga com Stuart Hall (2006), que entende identidade como processo em constante construção, marcado pelas experiências coletivas.

Também é evidente a função da escola no enfrentamento ao racismo e no trabalho da educação antirracista. O currículo, quando articulado às diretrizes da Educação Escolar Quilombola, às Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008 e aos referenciais estaduais como o documento “Mato Grosso: Por uma Educação Antirracista” (Mato Grosso, 2024), possibilita a valorização da cultura afro-brasileira, indígena e quilombola. Tais referenciais contribuem para a desconstrução da visão eurocêntrica ainda predominante em muitos espaços escolares e orientam práticas pedagógicas comprometidas com a equidade racial. Enfrentamento este



que dialoga com as reflexões de Gomes (2012), que aponta a escola como local estratégico na luta contra a discriminação racial e na afirmação das identidades negras e quilombolas.

Em suma, a presença de mestres do saber, lideranças e famílias no cotidiano escolar reforça a noção de que a educação é um processo coletivo e compartilhado. Por conseguinte, tal movimento fortalece laços de solidariedade e reafirma a escola como parte orgânica da comunidade, e não como instituição isolada.

### **3 Considerações Finais**

O espaço escolar em Mata Cavalo ultrapassa a função tradicional de ensino e consolida-se como território de memória, identidade e resistência. Ao valorizar saberes ancestrais, promover a integração da comunidade e enfrentar o racismo, a escola fortalece a autoestima coletiva e contribui para a construção de uma identidade quilombola viva e dinâmica.

Além disso, pode-se afirmar que a experiência da escola em Mata Cavalo mostra que a educação, quando comprometida com a realidade local, tem papel fundamental na preservação cultural e na formação cidadã. Ressalta-se que é preciso, no entanto, ampliar as políticas públicas e a continuidade na formação docente para que a escola quilombola se mantenha como espaço de luta e continuidade histórica.

Nesse contexto, assegurar a vitalidade do espaço escolar em Mata Cavalo é garantir também a preservação da memória e da resistência de uma comunidade que, desde a escravidão, segue afirmando sua identidade e seu direito à existência plena. Na comunidade escolar de Mata Cavalo, cada parede pintada, cada canto e cada gesto de ensinar reafirmam que educar é também resistir, e que a escola quilombola é o coração pulsante da memória coletiva de um povo.

Portanto, a escola quilombola de Mata Cavalo se consolida como um espaço de múltiplas dimensões, no qual educação, cultura e território se articulam na construção de um projeto coletivo de existência. Mais do que um espaço de ensino, trata-se de um lugar de produção de sentidos, de reafirmação identitária e de resistência histórica. Nesse cenário, reconhecer e valorizar os saberes quilombolas constitui um gesto pedagógico, bem como um



compromisso ético e político com a justiça social e com a pluralidade de conhecimentos que constituem a sociedade brasileira.

## Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CEB nº 16/2012**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Brasília, DF: MEC/CNE, 2012. Disponível em: [https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/pdf/CNE\\_CEB\\_Parecer\\_16\\_2012.pdf](https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/pdf/CNE_CEB_Parecer_16_2012.pdf). Acesso em: 1 jul. 2025.

EVARISTO, C. **A escrevivência e seus subtextos**. Depoimento realizado em 25 jul. 2020. Disponível em: [https://presencial.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/404636/mod\\_resource/content/1/EVARISTO%20A%20escrevivencia%20e%20seus%20subtextos.pdf](https://presencial.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/404636/mod_resource/content/1/EVARISTO%20A%20escrevivencia%20e%20seus%20subtextos.pdf). Acesso em: 1 set. 2025.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 53. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GOMES, N. L. **Educação, identidade negra e formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

GOMES, N. L. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MATO GROSSO. Secretaria de Estado de Educação. **Mato Grosso: Por uma Educação Antirracista**. Cuiabá: Seduc/MT, 2024. Disponível em: <https://www3.seduc.mt.gov.br/a%C3%A7%C3%B5es-2024-da-pol%C3%ADtica-antirracista>. Acesso em: 29 ago. 2025.

MUNANGA, K. **Negritude: usos e sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

RIBEIRO, D. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTANA, G. E. A. **Saberes e fazeres quilombolas: um olhar sobre as práticas pedagógicas da área de Ciências Humanas da Escola de Mata-Cavalo**. 2019. 191 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Cuiabá, 2019.